



GUERRA SANTA na Igreja



De um lado, a arte moderna, abstrata e colorida de Galeno. De outro, paroquianos que esperam um trabalho mais figurativo e uma Nossa Senhora de Fátima que seja a reprodução fiel da imagem que eles veneram

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Todos os dias, Galeno lança olhares indagadores para a imagem de Nossa Senhora de Fátima, na Igreja. “O que a senhora quer?”, ele pergunta. O artista plástico dos carretéis, das lamparinas, das pipas, das cores, da intuição e do apuro técnico vive um dilema pendurado no andaime montado dentro da obra de Oscar Niemeyer. Grande parte dos paroquianos não gostou nada das abstrações que Galeno esboçou para substituir as bandeirinhas de Volpi (soterradas por sucessivas mãos de tinta desde 1962).

Os fiéis frequentadores da Igreja, na 307/8 Sul, querem algo mais figurativo e Galeno é um artista abstrato, moderno, com suas representações lúdicas e cores fortes. Desde que, na edição de 29 de novembro do ano passado, o *Correio* publicou matéria com um dos esboços do painel, começou o quiproquê. De um lado, os paroquianos. De outro, Galeno. No meio, o representante do Iphan/DF, arquiteto Rogério Carvalho, e o pároco, frei Odolir Eugênio Dal Mago.

Entre os paroquianos, há os mais e os menos radicais. “Me senti revoltada, agredida quando vi a imagem de Nossa Senhora que seria pintada na Igreja”, lembra-se Gardênia Portela Lopes, 57 anos, economiária aposentada, ministra da Eucaristia e coordenadora de eventos da paróquia. “É uma revolta. Todo mundo fica pressionando a gente. ‘Vocês têm que fazer alguma coisa, eles dizem, mas a gente é muito pequeno para opinar’”, diz Zelma Capelli, 74 anos, professora aposentada, ministra da Eucaristia, frequentadora da Igreja há mais de 30 anos.

“Isso é bom para um museu. No mundo inteiro, o símbolo do santo é respeitado. O buda é gordo, ninguém vai fazer um buda de calção, magro”, diz Maria Carmem Souza, advogada aposentada, que diz conhecer museus de arte no mundo inteiro. O economista aposentado Caio César de Araújo, 71 anos, tem gostado da obra de Galeno na Igreja, mas também sentiu o desgosto dos demais quando viu os esboços da santa, e lembra que na Capela Sistina, no Vaticano, há muito pouca sacralidade nas obras de Michelangelo. De todo modo, também espera que a imagem definitiva “fique a contento”.

Frei Odolir pende para o lado dos fiéis. Diz que não gostou do primeiro esboço que Galeno fez para a imagem de Fátima. “É um retângulo que, dizem, é Nossa Senhora.” Mas pondera que o papel dele é de mediador. “É bom que o Iphan tenha se interessado pela restauração. Temos que aproveitar isso. Mas é preciso que se faça uma coisa da qual a comunidade goste. Se ela gostar, vai preservar.”

Autêntica expressão

O representante do Iphan sabe que o apoio da comunidade é necessário para que a Igreja seja preservada, apesar de pender para o lado de Galeno. Rogério Carvalho tenta encontrar um ponto de conciliação entre a insatisfação dos paroquianos e a autêntica expressão do artista escolhido. “Tenho dito a eles que existe um limite para as necessidades que apresentam. Não dá para se ter na Igreja uma santa com rosto definido, uma imagem figurativa. A Igreja é uma obra idealizada por vários artistas modernos, Niemeyer, Athos, Volpi, tenho de respeitar inteiramente todos eles. E a escolha do Galeno levou tudo isso em conta. Fiz a escolha intuitivamente, e depois soube que Olívio Tavares de Araújo (crítico de arte, curador das obras do italiano que fez os afrescos iniciais) disse que quando se depara com a obra de Galeno se lembra de Volpi.”

É isso mesmo. Tavares de Araújo confirma: “Galeno tem um colorido e uma maneira curta e ritmada de aplicar a tinta que lembram Volpi. Galeno é intuitivo, Volpi também era. Galeno é erudito, Volpi também. E os dois têm essa fonte popular. Galeno tem um colorido de muito bom gosto e é bom ressaltar que não se trata de uma influência intencional, ele não procura imitar Volpi”.

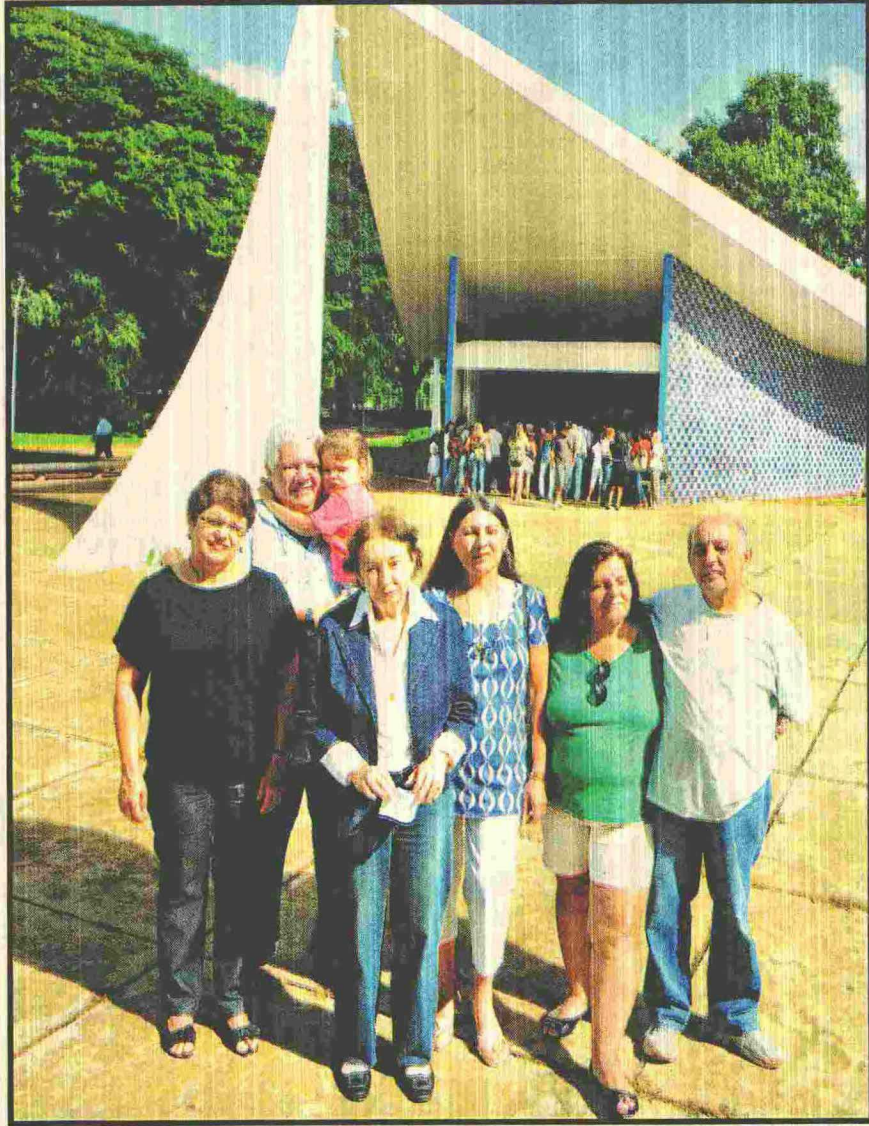
Se crítico e arquiteto concordam, sem nem mesmo terem conversado a respei-

Fotos: José Varella/CB/D.A. Press



GALENO TRABALHA NO PAINEL DA IGREJA EM MEIO À POLÊMICA SOBRE A IMAGEM DA SANTA. A PRIMEIRA VERSÃO (ACIMA, E) FOI CONSIDERADA ABSTRATA DEMAIS E O PINTOR ESBOÇOU A SEGUNDA

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



OPINIÕES DE FREQUENTADORES DO TEMPLO SE DIVIDEM: HÁ OS MAIS E OS MENOS RADICAIS

to, a comunidade continua inquieta apesar das sucessivas reuniões de conciliação. Alguns já pensaram até em procurar a Justiça, o governador do Distrito Federal, o arquiteto Oscar Niemeyer, para tentar embargar a obra, mas nenhuma dessas ideias foi adiante.

Enquanto isso, o silencioso Galeno chega à Igreja, todos os dias, de segunda a sexta-feira, às 10h, e fica até as 15h, com breve pausa para almoço. Sobe no andaime ou se senta no banquinho e vai dando vida ao painel da parede esquerda da Igreja, o que menos causou alvoroço, mas que ainda assim sofreu modificações.

Muitos viram na extremidade superior das colunas que representam as pastoras a imagem de seios ou glúteos. “A gente conseguiu mudar. Também conseguimos que ele colocasse um cajado

ao lado das colunas”, conta Gardênia Lopes, 15 anos de Igreja, devota de Fátima desde que ela lhe concedeu “uma graça muito grande”.

Levíssimas interferências

Para tentar entender o que querem os paroquianos, Galeno (que não participa dos debates) fez um segundo esboço de Fátima. Uma imagem figurativa, com levíssimas interferências abstratas. Um pescoço levemente virado para o lado provocou a insatisfação dos fiéis. Também reclamaram da falta do terço que a santa traz nas mãos.

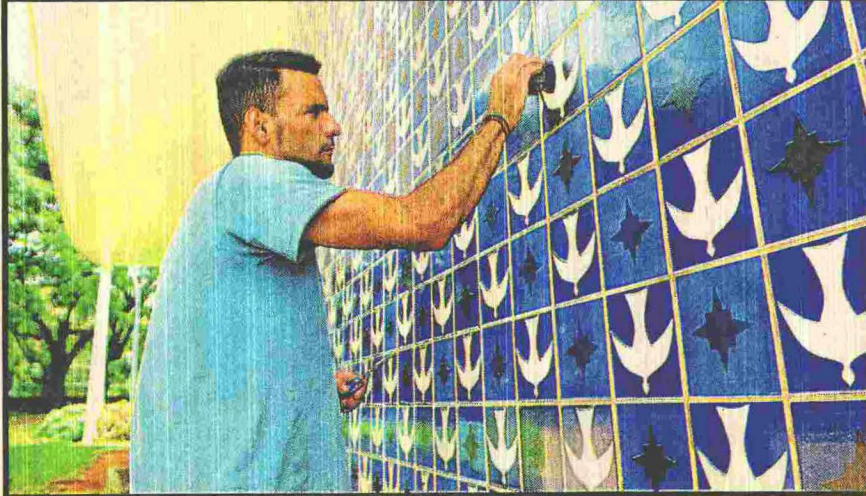
Mas não será figurativa a imagem que Galeno vai desenhar na parede do altar. “Não vou fugir muito do que faço”. E é aí que a Igreja pode tremer. “A minha veneração é pela divindade. A imagem nos lembra a divindade. Em Portugal, se

Kleber Lima/CB/D.A. Press



A RESTAURAÇÃO DA OBRA DE OSCAR NIEMEYER TAMBÉM INCLUI REFORMA DE PORTAS

Kleber Lima/CB/D.A. Press



OS AZULEJOS DE ATHOS BULCÃO, DANIFICADOS EM INCÊNDIO, ESTÃO INCLuíDOS NO PACOTE

venera a imagem de Nossa Senhora que todos conhecem. Essa imagem anda o mundo inteiro”, argumenta Gardênia.

A comunidade não sabe, mas o artista que está pintando os painéis da Igreja se chama Francisco de Fátima Galeno Carvalho. Nasceu em 13 de maio de 1956, dia de Nossa Senhora de Fátima. E se chama “Francisco de Fátima” porque um dos três pastores para quem a santa apareceu se chamava Francisco e porque nasceu nos dias em que a imagem vinda de Fátima passou por Parnaíba, no Piauí. Filho de católicos, Galeno não é praticante, mas foi batizado e fez primeira comunhão. Acredita em Deus “dentro do possível”, diz.

A reação dos fiéis não foge à regra, alerta Tavares de Araújo. A arte moderna sempre foi recebida a contragosto pelo grande público, diz. “As mudanças de lin-

guagem do século 19 foram menos radicais e portanto mais fáceis de assimilar. As da arte moderna foram muito radicais. Torço para que vença o Galeno. A comunidade tem que confiar em pessoas autorizadas, no sentido moral, para opinar num caso desses. E o Iphan tem essa autoridade. E pode apostar: a comunidade rapidamente acaba aceitando e gostando, é assim na história da arte”.

A destruição do Volpi na Igreja é exceção à regra e num tempo em que Brasília era uma cidade vazia, onde todo mundo se achava dono da cidade. E os intensos debates e as pacientes preleções de Rogério Carvalho parecem estar fazendo algum efeito: ontem pela manhã, Gardênia Lopes comentou, depois de mais uma visita à Igreja: “Aquele azul no fundo vai ficar bonito, trouxe introspecção ao ambiente”.